

*Manual do aluno.* Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1990, 97p.

É comum qualquer serviço público ir piorando com o passar do tempo. Dentro dessa lógica, a Universidade do Paraná, a mais antiga do país, devia ser a pior. Entretanto, isso não é verdade, fui aluno dela na década de 70 e pude testemunhar que possuía alguns departamentos de excelência.

O nome do atual reitor, Riad Salamuni, que apresenta o Manual, me traz uma grata lembrança. O amigo que me apresentou a ele disse: "O Aragon foi punido com uma transferência para Paranaguá", ao que ele respondeu: "se foi punido, é boa gente".

Esse manual, além das informações de praxe, apresenta diversos artigos muito úteis ao desenvolvimento do espírito crítico dos estudantes. Eis os títulos: "Um pouco da história da UFPR", "Introdução ao pensamento crítico da ciência", "Conhecimento popular e científico: duas faces ... uma mesma moeda (a cidadania)"? Vamos nos deter um pouco nesse último, cujo autor, Prof. Sebastião Laroça, recebeu o Prêmio Nacional de Ecologia de 1988.

Talvez por ter começado a vida lavando vidros num laboratório e conhecer as agruras da vida do pobre que deseja estudar, Laroça tem uma sensibilidade especial para descobrir detentores do saber popular. Participando da expedição da *Royal Society/Royal Geographical Society*, em Mato Grosso, pôde constatar uma simbiose entre o botânico Jim Ratter e um brasileiro analfabeto conhecido por "Taituba". Diante da parte da planta herborizada, Taituba dizia como eram as flores, o porte da planta adulta, características dos frutos, formato da planta jovem etc, o que facilitava a Ratter a identificação científica da planta.

Um fotógrafo da praça principal de Londrina gostava de observar o comportamento de uma abelha do gênero *Plebea*. Tendo sido descoberto pelo Padre Jesus S. Moure, as suas observações resultaram num trabalho que tem sido citado na literatura internacional.

Trabalhando ultimamente na Amazônia, Laroça ficou impressionado com o grande saber dos mateiros. A esse respeito devo contar que, quando trabalhava em Santa Catarina, encontrei, certa vez, dois mateiros discutindo a diferença entre as folhas de duas espécies de áyres do mesmo gênero.

É bom que os estudantes fiquem logo sabendo que nem todo o saber está dentro da Universidade. Acredito que manuais desse tipo possam ser muito úteis a um estabelecimento de ensino e, por isso, estou doando o exemplar que recebi à biblioteca da Ensp.